



Biograph



“TERRITÓRIO EPIFÂNICO”: FOTOBIOGRAFIA ESCOLAR - DIMENSÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS¹

Mariana Martins de Meireles
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
marianabahiana@hotmail.com

INTRODUÇÃO: cenas primeiras...

O território epifânico é um espaço performático, [...] estaria próximo de uma performance biográfica e artística, produzindo efeitos de conhecimento. (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 107)

O trabalho discute, a partir de um estudo com *fotobiografias escolares*, questões relacionadas à cultura escolar e à memória de escolas rurais do sertão baiano, numa perspectiva dialética, articulando o físico e o simbólico. Intenta-se investigar as disposições da cultura material e imaterial na constituição de escolas rurais, nos modos específicos e singulares “de ser escola” no sertão da Bahia. O texto resulta de uma investigação sobre disposições da cultura material e imaterial na constituição de escolas rurais do sertão baiano, a partir do seguinte problema de pesquisa: Como a cultura material e imaterial constitui as memórias de escolas rurais do sertão da Bahia?

¹ O texto configura-se como subprojeto da Pesquisa *Multisseriação e trabalho docente: diferenças, cotidiano escolar e ritos de passagem*, que conta com financiamento da FAPESB, no âmbito do Edital 028/2012 – Prática Pedagógicas Inovadoras em Escolas Públicas e do MCTI/CNPq, no âmbito da Chamada Universal n^o. 14/2014, desenvolvido e coordenado pelo Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral, da Universidade do Estado da Bahia (GRAFHO/UNEB) e em parceria com os grupos Diversidade, Narrativas e Formação (DIVERSO/UNEB); Educação do Campo e Contemporaneidade (UNEB), Currículo, Avaliação e Formação, da Universidade do Recôncavo da Bahia (CAF/UFRB) e o Laboratório EXPERICE (Paris 13/Paris8).

Para tanto, dialoga-se com princípios teórico-conceituais sobre cultura escolar, memórias e escolas rurais no campo da História Cultural, na vertente das memórias e dos estudos (auto)biográficos. Nesse sentido, no que concerne às questões teórico-metodológicas desta investigação, adoto princípios da perspectiva historiográfica, na vertente da nova história cultural e pressupostos da abordagem (auto)biográfica, mais especificamente das narrativas (auto)biográficas orais e visuais.

Os estudos² evidenciam que no campo educacional, a pesquisa (auto)biográfica, como perspectiva metodológica, nasce no século XIX na Alemanha, com a escola de Chicago, a partir das influências exercidas pelas reconfigurações de diferentes campos do conhecimento contrários ao positivismo proposto pelas ciências sociais. Surge, então, com os estudos (auto)biográficos, outro tipo de saber, outros modos de pesquisar, agora mais subjetivo, pessoal e humano. Nesse contexto, vale destacar as implicações da História Oral e suas articulações com a *Escola dos Annales*, ao tomar fontes orais de sujeitos marginalizados na história, como forma de compreensão do seu cotidiano e de sua história vivida, rompendo, assim, com a valorização de uma história única, narrada na perspectiva dos vencedores.

Neste século, portanto, podemos assistir a um processo de autodefinição do método (auto)biográfico, como uma importante área de pesquisa no campo educacional. Isso pode ser vislumbrado pela incidência de trabalhos acadêmicos e a vasta produção científica em todo território nacional e internacional que, aliados a universidades e grupos de pesquisas, consolidam esse método singular de pesquisa no âmbito educacional, ampliando, assim, o processo de democratização das narrativas.

A crescente utilização da pesquisa (auto)biográfica e das narrativas em educação busca evidenciar e aprofundar representações sobre as experiências educativas e escolares dos sujeitos, bem como entender diferentes mecanismos e processos históricos relativos à educação em seus diferentes tempos. As biografias educativas permitem adentrar num campo subjetivo e concreto, através do texto narrativo, das representações dos diferentes sujeitos e atores sociais sobre as relações consigo próprios, com os outros e com os seus contextos sócio-históricos-culturais, dando significados diversos (SOUZA, 2013). Desse modo, o trabalho com as autobiografias possui influências da história social, especificamente das

² Aqui cabe situar os trabalhos de Catani et al (2006): *Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003)*; Gaston Pineau (2006): *As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial* e Souza et al (2008): *A pesquisa (auto)biográfica e a invenção de si no Brasil*.

contribuições teórico-epistemológicas da história cultural, ao prestar interesse pelo cotidiano e pelas singularidades humanas, no âmbito do público e do pessoal

No que se refere aos princípios teórico-metodológicos, a investigação adota uma trilogia de fontes, a saber: entrevistas narrativas, fotobiografias escolares e fontes materiais/documentais, numa perspectiva analítica de interpretação hermenêutica da realidade investigada. No texto, discute-se, especificamente, sobre fotobiografia escolar e sua utilização nas pesquisas (auto)biográficas.

A fotobiografia escolar, escritura fotográfica, entendida como objeto de memória e tomada como fonte de pesquisa, configura-se como um conjunto de fotografias capaz de narrar a história e a vida da escola, mediatizada por uma comunidade de sentidos, resguardando potencialidades reflexivas, dimensões heurísticas e uma polissemia de interpretações. Nesse sentido, a fotobiografia é apreendida como um “território epifânico”, revelador de existências, desencadeadora de reflexões e narrativas sobre a vida/cultura dos sujeitos e de seus respectivos contextos escolares. A partir dessa compreensão, as narrativas visuais são tomadas, não são apenas fontes de pesquisa, ultrapassam por um lado, a condição meramente de dados, e por outro, desvelam subjetivamente modos de ser e ver no mundo.

Desse modo, tomando como referência as proposições da *Escola dos Annalles*, este trabalho adota a fotobiografia, outras narrativas e fontes materiais/documentais como instrumentos de pesquisa. O contexto da investigação engloba quatro escolas rurais localizadas no município de Canudos, sertão da Bahia. Entendo que, o trabalho com a memória dessas escolas perpassa pela compreensão da cultura de seu povo, visto que a cultura da escola, de algum modo, constitui-se, também, pela cultura dos sujeitos e de seus lugares, neste caso, o sertão.

Estudos na perspectiva da nova História Cultural têm se empenhado na busca por uma *episteme* interdisciplinar, no sentido de pensar as escolas e compreender seus contextos de modo mais complexo, considerando subjetividades e singulares. Essa complexidade envolve as experiências da escola e de seus sujeitos, tomada como um lugar de memória, de história, “*lugar de vida possível*” (CERTEAU, 1982). Nesse sentido, o trabalho toma a cultura com suas materialidades e imaterialidades, como elemento significativo de compreensão da apropriação socioeducacional, tendo em vista sua importância na vida dos sujeitos e suas implicações no dinamismo local das comunidades.

FOTOBIOGRAFIA ESCOLAR: epifania e dimensões teórico-metodológicas

*Não use o traço acostumado.
[...] O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.
(BARROS M, 2004, p. 75)*

As palavras poéticas de Manoel de Barros (2004) são lentes inspiradoras que inauguram a escrita deste texto. A epígrafe nos remete à presença da visualidade no mundo, característica marcante nas obras do poeta, das memórias narradas e das coisas vividas. A trilogia *ver-rever-transver* o mundo, sugerida pelo autor, relaciona-se às múltiplas maneiras de se lançar um olhar sobre um objeto, na perspectiva das singularidades que cada sujeito tem de ver o mundo. Podemos dizer, ainda, que o poeta nos fala sobre a mobilidade da imagem (do olhar), a experiência incomum de ver as coisas, experiência subjetiva, epifânica, transformadora e, porque não dizer, questionadora da existência.

De certo modo, a poética de visualidade do Mundo de Manoel de Barros transversaliza a discussão apresentada neste texto, a saber: a fotobiografia enquanto narrativa visual, como dispositivo e fonte de pesquisa³. Especificamente, nesta investigação, o objeto de estudo centra-se na apreensão e análise da cultura escolar e da memória de escolas rurais do sertão baiano, numa perspectiva dialética que articula o físico e o simbólico, nas dimensões (i)materiais, entrecruzando elementos biográficos.

Nesse sentido, o documento visual - fotografia - pode ser considerado como um instrumento relevante na interpretação e leitura da condição humana, em diferentes contextos espaços-temporais. A inserção da pesquisa com o uso de imagens nas Ciências Sociais tem possibilitado um significativo debate sobre a visualidade do mundo e do cotidiano das pessoas, revelado a partir da análise de imagens fotográficas, que constituída de realidades, pode documentar/retratar instantes parciais e horizontes subjetivos. No campo dos estudos (auto)biográficos, a fotografia é compreendida como narrativa visual, constituindo-se, também, como documento histórico, utilizando como fonte de pesquisa.

As fotografias são como materialidades que indicam práticas socioculturais, constituindo-se como narrativas históricas. Desse modo, como reitera Kossoy (2001, p. 50),

³ Fazemos aqui referência ao subprojeto vinculado à referida pesquisa, o qual se desdobra na tese de doutoramento em desenvolvimento, intitulada *‘Escolas têm memórias: cultura (i)material de escolas rurais baianas*, realizado não âmbito do GRAFHO e do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, PPGEduC-UNEB.

toda “[...] fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo que é uma criação a partir de um visível fotográfico”. Numa perspectiva dialética de compreensão, a fotografia “[...] representa, por um lado, o testemunho de uma criação e por outro, ela representará sempre a criação de um testemunho” (KOSSOY, 2001, p. 50), mediatizada por uma comunidade de sentidos. As fotografias são figurativas e significativas, possuindo ligações históricas e simbólicas compreendidas pelo binômio indivisível do testemunho e da criação (KOSSOY, 2001).

A fotografia torna-se uma fonte subjetiva, com um campo semântico diverso, resguardando potencialidades reflexivas e uma polissemia de interpretações. É importante situar avanços com o uso de fotografias em pesquisa, a partir da revolução documental promovida pela *Escola dos Annales*. Com o movimento dos Annales, foram incluídos, no campo da pesquisa científica, novos objetos e novos temas, além das proposições para novos problemas e novas abordagens. Desse modo, com esta abertura, a fotografia, passa a integrar os estudos no âmbito das Ciências Sociais e na Educação.

No campo da História da Educação no Brasil, a fotografia tem sido utilizada como fonte de estudo desde a década de 1980, abordando temas ligados à cultura escolar, práticas educacionais, profissão docente, arquitetura escolar, processos educativos, modelos de ensino, etc. Na contemporaneidade, por sua vez, observa-se a ampliação de uso de fotografias no âmbito educacional, assiste-se a consolidação epistemológica e metodológica do uso de fotografias como fonte de pesquisa. Assim, a fotografia tem se firmado como “[...] a filha do mundo aparente, do instante vivido, e como tal guardará sempre algo do documento histórico ou científico” (BARROS, 2005, p. 48).

A partir dessa compreensão, a fotografia tem sido utilizada cientificamente como um ‘suporte’ de memória para auxiliar a evocar lembranças. De acordo com Benjamin (1994), em sua clássica obra: *Pequena história da fotografia*, o encanto da fotografia advém do modo como ela envolve todos os aspectos da vida humana, visto que [...] as imagens fotográficas devem ser vistas como documentos que informam sobre a cultura material de um determinado período histórico e de uma determinada cultura e, também como uma forma simbólica que atribui significados às representações e ao imaginário social (CALVINO, 1990, p. 73).

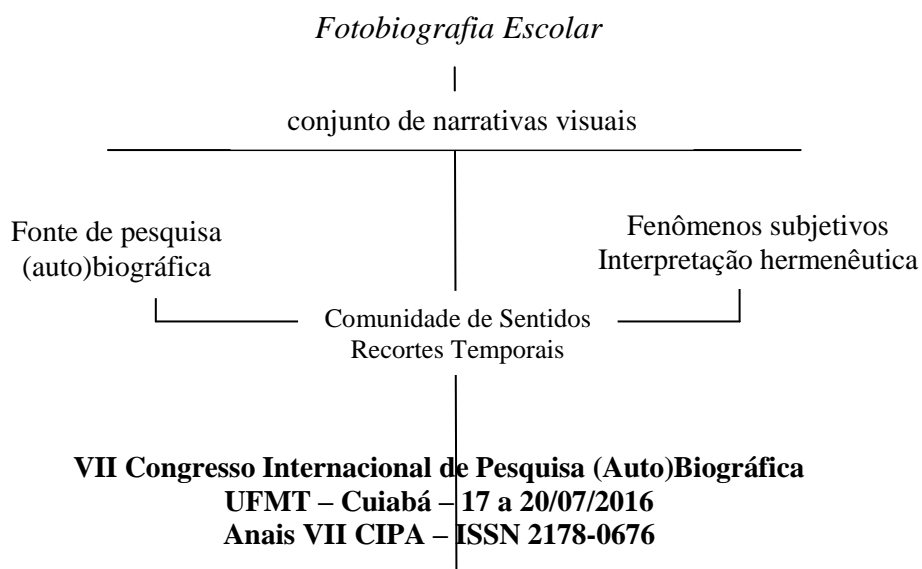
Nessa perspectiva, a fotografia é tomada como um objeto de memória, uma imagem produtora de expressão, de certo modo, “doadora de ser” (BACHELARD, 1993). A partir dessa noção, a fotobiografia escolar, como fonte de pesquisa, configura-se como um conjunto

de fotografias capazes de grifar/registrar/narrar modos de constituição de escolas rurais do sertão da Bahia. Trata-se, portanto, de contar a história e a vida da escola, também, por narrativas fotográficas, ou seja, outro modo de narrar a vida humana.

Desse modo, o trabalho com as (auto)biografias, sejam escritas, orais e visuais, sofre influências da história social, especificamente das contribuições teórico-epistemológicas da história cultural, ao prestar interesse pelo cotidiano e pelas singularidades humanas, no âmbito do público e do pessoal. Assim sendo, a fotobiografia escolar, compreendida como um conjunto de narrativas visuais, inscreve-se na arte de narrar a vida e revelar memórias pessoais e coletivas. Constitui-se, portanto, como fonte histórica autorreferencial, ao tempo em que desvela o papel do sujeito no processo de construção subjetivo da cultura escolar, onde recordações pessoais, coletivas e institucionais se entrelaçam no movimento constitutivo de produção da memória da escola.

Portanto, sendo a fotografia um fragmento da vida, pode ser analisada, também, no campo educacional, uma vez que a fotografia escolar é parte integrante da vida das pessoas. Sendo assim, a Fotobiografia tem sido empregada no âmbito dos estudos sobre a utilização das narrativas (auto)biográficas como metodologia de pesquisa e de formação. Trata-se de um conjunto de procedimentos que utilizam imagens fotográficas como elemento desencadeador de reflexões e narrativas sobre a vida dos sujeitos, num processo de construção de conhecimentos diversos a partir de conteúdos que narram e revelam histórias de vida pessoais e institucionais.

No esquema abaixo, procuro sistematizar *disposições teórico-metodológicas* do trabalho com fotobiografia escolar, apresentando concepções centrais desta fonte de pesquisa (auto)biográfica.



“Território Epifânico”
Revelador de existências – Escrituras da realidade

Produção de uma *história visual* constituída por um trabalho de memória.

Fonte: Elaboração da Autora

Justifica-se, portanto, o uso da fotografia como fonte de pesquisa, nesta investigação, pois permite compreender o universo escolar, através de seus signos simultaneamente icônicos, indiciários, simbólicos, informando sobre instâncias da cultura escolar (BARROS, 2005). Nesse caso, ao compor uma *memória das coisas*, as fotos têm revelado cenários sócio-histórico-culturais produzidos na/e pela escola.

A fotografia, mais especificamente a fotobiografia escolar, documenta e registra uma realidade educativa, que é também, uma realidade social, por isso integra a “[...] materialidade de uma memória silenciada, testemunha anônima de uma escola cotidiana, densa rede de cumplicidades e resistências” (BARROS, 2005, p. 128). Ao enxergar as fotografias, impressas ou digitais, a partir de uma dimensão material e imaterial, utilizamos acervos particulares, públicos e institucionais, para constituir narrativas e memórias sobre escolas rurais do sertão baiano.

Nesse sentido, nos modos de ser sujeito se desvelam modos da cultura escolar. Os álbuns de fotografia pessoais e institucionais possuem diversas fotos que, ao contarem sobre a vida, narram, também, a história da escola. Dentre as principais fotografias estão: ingresso na escola, eventos, desfiles, comemorações, homenagens, festas, datas cívicas, cerimônias e formaturas etc., tais registros produzem, de algum modo, imagens socioculturais da escola. Dessa forma, a fotobiografia, compreendida também como uma narrativa visual, apresenta-se como uma fonte reveladora de uma cultura escolar que está para além da história oficial, capaz de revelar significativas miudezas do cotidiano e materializando modos de ser escola.

Com o “Manifesto da Fotobiografia” (MORA e NORI, 1983), situado no advento das pesquisas autobiográfica, durante a década de 1980, a fotografia foi tomada como “amplificadora da existência”, como uma nova forma de compreender a escrita pessoal, constituindo-se como um elemento de realidade histórica e cultural. Segundo Mora e Nori (1983, p. 13), a imagem fotográfica pode ser metaforicamente compreendida como uma “[...] ponte entre o passado e o presente e o contexto do momento fotograficamente imobilizado”.

VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica

UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016

Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676

Neste sentido, a fotografia, bem como a fotobiografia, integram um “território epifânico” (MORA, NORI, 1983), revelador de existências. Isso porque a fotografia, como materialidade, não se constitui somente como uma representação da vida, mas, sobretudo, como um modo performático de escrever, narrar e contar a vida, sob outras óticas, lentes e perspectivas. De certo modo, “[...] é nesse espaço de invenção de um mundo real que situam os desafios heurísticos da fotografia [...]” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 106).

A fotografia, assim como a fotobiografia, configura-se como uma forma de escritura da realidade: “[...] representa uma categoria de experiência que permite, ao lado de outras formas de percepções vividas [...], interpretar situações e acontecimentos” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 114) experienciados pelos sujeitos num contexto público e privado, pessoal e escolar. Assim sendo, a experiência escolar narrada visualmente, através da fotobiografia, coloca em jogo diferentes instâncias enunciativas, figurativas e perceptivas, apresentando desdobramentos polissêmicos e heurísticos, auxiliando, de certo modo, na construção da historicidade da escola e de seus sujeitos, a partir da representação de uma história visual constituída por um trabalho de memória.

Ademais, para além de ser entendida como *monumento*, a fotografia/fotobiografia relaciona-se com um tempo histórico em que a sua materialidade instaura subjetivamente formas de viver, sentir, ver-rever-transver e atuar sobre o mundo. Enquanto narrativa visual, o conjunto de sentidos associados à fotobiografia escolar faz, então, emergir relações entre memória e cultura escolar, no âmbito das suas materialidades e imaterialidades.

Cabe ainda destacar que a análise das fontes produzidas e garimpadas na pesquisa ancora-se em um “paradigma” compreensivo das diversas fontes (SOUZA, 2014), a partir de uma perspectiva hermenêutica⁴. Busca compreender os sentidos e significados das experiências dos sujeitos, através de suas materialidades e imaterialidades, impressas no âmbito da cultura escolar. É nesse contexto analítico-compreensivo (RICOUER, 1976) que buscamos compreender a materialidade e imaterialidade escolar imersas nos significados atribuídos pelos sujeitos que compõem a história das escolas rurais baianas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: cenas de despedidas...

⁴ Dimensão filosófica que aponta a íntima reação entre interpretação e compreensão. A hermenêutica contemporânea, engloba não somente textos escritos, mas também tudo que há no processo interpretativo. Isso inclui formas verbais e não-verbais de comunicação. Numa perspectiva global, a hermenêutica busca compreender a experiência humana no mundo.

Ao considerar, no estudo da cultura escolar, a produção da memória de escolas rurais baianas, empreendo um trabalho numa perspectiva dialética, com questões sobre a *materialidade* escolar, impressa nos artefatos materiais e objetos biográficos, dando-lhes sentidos a partir da compreensão de seus usos e funções, e com a *imaterialidade* escolar revelada, simbolicamente e subjetivamente, através da interação entre os objetos e as relações humanas existentes na escola, tomando ainda como referência imaterial as narrativas (orais e visuais) dos sujeitos sobre o processo de constituição da escola.

Ampliando essas noções a partir de Chartier (2006, p. 39), entendo que no campo da imaterialidade são articuladas, subjetivamente, por um lado, “[...] as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, de outro, as restrições e as convenções que limitam [...] o que lhes é possível pensar, dizer e fazer”. Nesse sentido, a noção de imaterialidade é compreendida como um elemento fundamental na produção de memórias escolares, uma vez que se insere num movimento de apreender modos pelos quais os sujeitos dão sentido às suas histórias e práticas. Por vezes, as fotografias podem tencionar o que não se vê, nos convocam a prestar atenção no movimento cotidiano e na vida representada pela imagem, para além do mundo visível.

A pesquisa revela que a fotobiografia escolar constitui-se como um importante dispositivo investigativo, uma vez que os registros fotográficos são valiosos acervos guardadores de histórias, com um enorme poder de ‘evocação’ da memória, constituindo um território epifânico, revelando-nos a constituição da escola e de sua cultura. Ademais, o conjunto de sentidos associados à fotobiografia escolar tem feito emergir relações entre memória e cultura escolar, no âmbito das suas materialidades e imaterialidades.

Ao compor um conjunto de fragmentos visuais da escola e de seus sujeitos, a fotobiografia institui-se como um importante dispositivo investigativo, uma vez que os registros fotográficos são valiosos acervos guardadores de histórias, com um enorme poder de evocação da memória. Assim sendo, em sua “mudez”, as fotografias, que integram visualidade⁵, são reveladoras de momentos experienciados pelas escolas, contam histórias e resguardam suas memórias.

A fotobiografia, tem se constituído como uma fonte de pesquisa qualitativa, que narra fenômenos qualitativos e subjetivos, marcada pela organização de um conjunto de imagens

⁵ Caracterizada pelo “*oculocentrismo*” do mundo moderno (MENESES, 2003, p. 13).

capazes de significar experiências e situações, a partir de marcadores temporais que contribuem para a constituição da memória e da cultura (i)material de escolas rurais baianas. Para tanto, utiliza-se uma *dialética interpretativa*, inscrita nas fotobiografias, que possibilita uma interpretação hermenêutica da realidade investigada, desvelando modos de como a cultura e o cotidiano de escolas rurais são materializados nas narrativas visuais dos sujeitos.

Ademais, no presente texto, destaca-se a relevância dos estudos sobre cultura escolar no âmbito das escolas rurais do sertão baiano, apresentando questões específicas sobre cultura material e imaterial, na relação com a fotobiografia. Para tanto, optamos pelo trabalho com fotobiografia escolar, desenvolvido no âmbito da pesquisa (auto)biográfica em educação, compreendendo que o visual (narrativa fotográfica) guarda relevância singular sobre memórias e histórias das escolas investigadas.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi, São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- BARROS, Manoel de. **Livro sobre o nada**. Record, Rio de Janeiro, 2004.
- BARROS, Manoel de. **O guardador de águas**. São Paulo: Art Editora, 1989.
- BARROS, Armando Martins de. “Os álbuns fotográficos com motivos escolares: veredas do olhar”. In: GATTI Jr., Décio e INÁCIO Filho, Geraldo (orgs.). **História da Educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005, p. 117-132.
- BRAGA, Elizabeth dos Santos. Esquecer para lembrar. In: MENEZES, Maria Cristina. (Org). **Educação, memória, história: possibilidades, leituras**. Mercado das letras, Caminas, - SP, 2004, p. 573-600.
- BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas -Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Ruanet, 7. ed. São Paulo, Brasiliense, 1994. p. 91-107.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: **Obras Escolhidas**: magia e técnica, arte e política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo**. Tradução Mateus S. Soares Azevedo. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011, p. 693-713.

CALVINO, Ítalo. As cidades e os símbolos. **In: as cidades invisíveis**. 3 ed. Companhia da Letras, São Paulo, 1990.

CATANI, et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). Universidade de São Paulo. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 385-410, maio/ago. 2006.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Forense Universitária. Rio de Janeiro, 1982.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica** (Rio de Janeiro 1900-1930). Editora DP&A, Rio de Janeiro, 2002.

CHARTIER, Roger. A “nova” história cultural existe? In LOPES, A. H.&VELLOSO M.P.& PESAVENTO S. J. (orgs.) **História e Linguagens: Texto, Imagem, Oralidade e Representações**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 29-44.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fotobiografia e formação de si. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. EDIPUCRS/EDUNEB. Porto Alegre, 2006, p. 105-117.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Conhecimento e cultura na escola: uma abordagem histórica. In: JUAREZ, Dayrell. (Org.). **Múltiplos olhares sobre a Educação e Cultura**. UFMG. Belo Horizontes, 1996, p. 127-135.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Departamento de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 17-34.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista brasileira de história da educação**. Campinas: Autores Associados, n. 1, jan./jun. 2001, p. 9-44.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2.ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial 2001.

LE GOFF, Jaques. Passado e presente. In: **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão, et all. 2º Edição. Campinas: UNICAMP, 1992, p. 202-422.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. Trad. Eduardo Brandão, São Paulo, Martins Fontes, 1990, 317p.

MAUAD, Ana Maria. Imagem e auto-imagem do segundo reinado. In: ALENCASTRO, L. F. **História da vida privada no Brasil**, 2, São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p.12-93.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, culturas visuais, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista brasileira de História**. São Paulo: ANPUH; Humanitas FFLCH/USP, v. 23, n. 45, p. 11-36, julho 2003.

MIGNOT, A. C. V. Sobre coisas de outros tempos: rastros biográficos nas crônicas de Cecília Meireles na "Página de Educação". **História da Educação** (UFPel), v. 14, p. 81-99, 2010.

MORA, Gilles; NORI, Claude. L'Été dernier. Manifeste photobiographique. Éditions de l'Étoile, **ÉcritSurL'Image**, Paris, 1983, p. 10-13.

NORA, Pierra. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

NÓVOA, Antonio. BOSKER, Roel J. (Org.). Por uma análise das instituições escolares – António Nóvoa 13-42, in: **As organizações escolares em análises**. Dom Quixote, Portugal, 1992.

NÓVOA, A. A História da educação; novos sentidos, velhos problemas. In: MAGALHÃES, Justino Pereira (Org.). **Fazer e ensinar história da educação**. Universidade do Minho, Braga, 1998, p. 35-66.

RICOUER, Paul. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1976.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Revista Educação UFSM**, Santa Maria, v. 39, n. 1, pp. 85-104, jan./abr. 2014.

SOUZA, E. C. (Coord.). **Multisseriação e trabalho docente: diferenças, cotidiano escolar e ritos de passagem**. Salvador: UNEB; FAPESB, 2013. (Projeto apresentado à FAPESB no âmbito do Edital 028/2012).

SOUZA, E. C; SOUSA, C. P. de; CATANI, D. B. A pesquisa (auto)biográfica e a invenção de si no Brasil. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 29, p. 31-42, jan./jun., 2008.

THOMPSON, Paul Richard. **A voz do passado: História oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. Os debates sobre história e memória: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, Janaína (Org.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 65-91.